#4

APINFO

Federação Nacional dos Apicultores de Portugal

informar para melhorar

julho | 2017

REPORTAGEM

Vencedores do 8º Concurso Nacional do Mel
Como se avalia o mel?

ENTREVISTA

«Estamos empenhados em fomentar a criação de redes »
João Ribeiro Lima, vogal do Conselho Diretivo do INIAV

editorial

Setor apícola nacional cresce e profissionaliza-se

Dados oficiais revelam que em 2016 atingimos um número recorde de 700.000 colmeias em Portugal, com um crescimento de 23,5 %, embora se mantenha a tendência de diminuição do nº de explorações (10.698) dos últimos anos. Este é um sinal claro de que os apicultores portugueses estão mais profissionais e especializados. Prova disso é a qualidade dos méis apresentados ao 8º Concurso Nacional do Mel, que passaram por um apertado screening de análises físico-químicas, polínicas e sensoriais que revelamos nesta edição da APINFO.

A atividade da FNAP é o reflexo de um setor dinâmico e em crescimento, que quer dar um salto qualitativo através do Conhecimento e da Inovação e que procura para tal os parceiros certos. Veja-se o exemplo do protocolo celebrado a 13 de julho entre a FNAP e o Instituto Nacional de Investigação Agrária e Veterinária (INIAV) para dinamizar o Posto Apícola (PA), instalado na Tapada da Ajuda, em Lisboa. Ou ainda os vários projetos apresentados à medida dos Grupos Operacionais do PDR2020, em que a FNAP está envolvida, com vista a desenvolver produtos apícolas inovadores e a valorizar os méis monoflorais portugueses e méis protegidos.

Um caminho não menos importante que a FNAP tem vindo a trilhar é o diálogo aberto e franco com o setor agrícola, porque, como ficou provado num seminário organizado pela FNAP na Feira Nacional de Agricultura, é possível praticar uma agricultura intensiva e rentável, que é em simultâneo amiga do ambiente e das abelhas. Para tal é preciso medir o impacto dos pesticidas nas abelhas e na apicultura e munir os apicultores de ferramentas que lhes permitam mitigar esses impactos através da construção de indicadores de uso de pesticidas, como se propõe o Grupo Operacional PP4B.

«É urgente estabelecer mecanismos eficazes de comunicação entre a apicultura e agricultura», reconhece o nosso entrevistado desta edição, João Ribeiro Lima, do INIAV, uma afirmação que subscrevemos e estamos a pôr em prática.

Boa leitura!

índice

CONSULTÓRIO TÉCNICO

3 Perguntas e respostas sobre a cresta

NOTÍCIAS

5 XVIII Fórum Nacional de Apicultura

5 Adulteração de mel com açúcares exógenos preocupa apicultores europeus

6 Criada Parceria Europeia para a saúde das abelhas

7 Posto Apícola será Laboratório Nacional de Referência da Qualidade do Mel

7 Comissão Europeia atualiza estatísticas do setor apícola

8 AGENDA

ENTREVISTA

9 «Estamos empenhados em fomentar a criação de redes», João Ribeiro Lima, vogal do Conselho Diretivo do INIAV

REPORTAGEM

13 8º Concurso Nacional do Mel

16 Mel do Ano 2017

17 Como se avalia o mel?

19 Apicultura, agricultura e biodiversidade

21 O valor da polinização na agricultura

ESPAÇO ASSOCIADOS

23 APIGUADIANA - Associação de Apicultores do Parque Natural do Vale do Guadiana

25 AALBA - Cooperativa de Produtores

consultório técnico

Com o final da Primavera chega a altura de "colher" o mel, chega a altura da cresta. Esta operação pode ser crítica para o sucesso de todo um ano de trabalho. Em muitos apicultores ainda persistem dúvidas relativamente à cresta, nomeadamente:

P: Qual a melhor altura para realizar a cresta?

Não existe uma data melhor ou pior para realizar a cresta. O mel pode ser recolhido de uma colmeia em praticamente qualquer altura, desde que esteja completamente operculado. Por completamente operculado entende-se que pelo menos 7/8 de cada lado do quadro de mel (da alça ou da meia-alça) está coberto com uma película de cera (opérculo), que as abelhas colocam quando o néctar que recolheram finalmente se transformou em mel.

Crestar mel operculado é muito importante, pois esse facto sinaliza que o mel já está pronto, já está "maduro". Se, pelo contrário, realizar a cresta sem que o mel esteja operculado, corre o risco de vir a ter problemas com a conservação, embalamento e a comercialização do seu mel, uma vez que ao apresentar teores de humidade elevados, o mel apresenta também maior tendência para fermentar.

Recomenda-se a realização da cresta em épocas do ano em que a temperatura ambiente esteja elevada, uma vez que tal facilita a extração do mel, pois contribui para a sua maior fluidez. Sempre que crestar, lembre-se de uma regra essencial para a perenidade e sustentabilidade das suas colónias e, consequentemente para a viabilidade económica da sua exploração: deixe sempre reservas de mel suficientes para as suas abelhas!

P: Como deve ser feita a recolha e transporte das alças durante a cresta?

A recolha das alças para a extração do mel deve seguir algumas regras, com o objetivo da manutenção das suas características originais e, consequentemente, da qualidade do produto final. É importante salientar que é uma etapa crítica, uma vez que é o início de um longo processo de suscetibilidade do produto: em relação às condições das instalações, dos equipamentos e às condições ambientais de manipulação.Sendo a cresta uma operação simples, é também a mais trabalhosa e mais pesada para o apicultor, devendo, sempre que possível ser realizada em equipa.

Afastar as abelhas dos quadros e das alças é algo essencial quando se realiza a cresta. Devemos ter o cuidado de diminuir ao máximo o número de abelhas que acompanharão as alças, assim como procurar diminuir ao máximo o stress causado nos enxames por esta operação. Tal pode muitas vezes revelar-se difícil ou mesmo impossível. O afastamento das abelhas dos quadros pode ser efetuado com jato de ar, pelo sistema de escovar as abelhas, pelo uso do fumigador, entre outros. Quando recorrer à utilização do fumigador, é necessário ter em atenção que o mel é um produto que pode absorver odores com facilidade, mesmo quando operculado nos quadros. Assim, a sua utilização deve ser feita com parcimónia e de forma correta, para evitar que a utilização excessiva do fumo altere as características orfanológicas do mel.

Lembre-se que a utilização do fumigador deve ainda respeitar as regras de segurança de proteção do operador e do ambiente, nomeadamente nos períodos críticos de risco de incêndio.

Após retirar as alças das colmeias, estas não devem permanecer expostas ao sol por longos períodos, pois as elevadas temperaturas podem levar a um aumento do teor de hidroximetilfurfural (HMF) no mel, podendo comprometer os valores paramétricos definidos na legislação em vigor (Decreto-Lei nº 214/2003, de 18 de setembro).

O veículo usado para o transporte das alças até à área de extração (Imagem 5) deve ser previamente higienizado e não deve ter transportado, recentemente, qualquer material que possa ter deixado algum tipo de resíduo (produtos químicos, adubos, esterco, etc.). Considere ainda cobrir as alças com uma tela impermeável e ignífuga caso o meio de transporte tenha a saída de escape à frente das alças (considerando o sentido da marcha), por ex.: tratores com atrelado, para evitar a contaminação do mel com resíduos da combustão e a perda de qualidades aromáticas do mel.

Textos adaptados a partir do Manual de Boas Práticas na Produção de Mel, de Ana Maria Gomes de Sousa Neves, editado pela FNAP em julho de 2016. Disponível em: http://fnap.pt/web/wp-content/uploads/documento_cnt_projectos_121.pdf

Imagem 1. A cresta é uma operação pesada, que requer trabalho de equipa

Imagem 2. Durante a cresta utilize o fumigador com parcimónia

Imagem 3. Utilização de soprador durante a cresta

Imagem 4. Acondicione as alças num local fresco e protegido do Sol

Imagem 5. Veículo de transporte de alças com quadros

Confira na próxima edição da APINFO, as boas práticas e os cuidados a ter em conta na extração, processamento e embalamento do mel.

XVIII Fórum Nacional de Apicultura

«A Apicultura é atualmente uma atividade económica capaz de gerar rendimentos e que dessa forma fixa as populações nos meios rurais, onde o apicultor é interveniente fundamental enquanto "maestro" na gestão sustentável dos recursos do território e da natureza. Atualmente, alguns recursos como os matos silvestres apenas são valorizados através da apicultura, sendo a origem dos néctares de alguns dos mais emblemáticos méis monoflorais nacionais: o mel de rosmaninho e o mel de urzes.»

Foi com este mote, que a FNAP e a anfitriã AGUIARFLORESTA - Associação Florestal de Vila Pouca de Aguiar, apresentou à comunidade apícola o XVIII Fórum Nacional de Apicultura. Estendendo-se pelo território do Alto Tâmega, a edição de 2017 do Fórum Nacional de Apicultura contará com a coorganização da CAPOLIB - Cooperativa Agrícola de Boticas, CRL e da MONTIMEL - Cooperativa dos Apicultores do Alto Tâmega, CRL nos dias 7, 8, 9 e 10 de Setembro 2017, em Vila Pouca de Aguiar.

Numa edição que prevê 4 dias de conversas apícolas, visitas técnicas, formação dedicada e a discussão dos temas mais pertinentes para o desenvolvimento do setor apícola nacional, augura-se a participação dos apicultores num ambiente de convivência em prol da valorização dos territórios rurais, num convite a empreender no Alto Tâmega também no domínio da Apicultura.

Simultaneamente estará em funcionamento a XVI Feira Nacional do Mel e a Feira de Inovação na Apicultura – ALTO TÂMEGA 2017 nos dias 08, 09 e 10 de Setembro 2017, dois certames de impulsionamento à criatividade e engenho dos apicultores e da indústria dedicada ao mundo apícola.

Adulteração de mel com açúcares exógenos preocupa apicultores europeus

De acordo com dados revelados pela Comissão Europeia, 14,2 % dos méis importados de países terceiros para União Europeia apresentam inconformidades. Os resultados obtidos nos 28 Estados-Membros e apresentados em 2016 tinham já apontado para uma situação preocupante, uma vez que cerca de 20% das 2.237 amostras de mel recolhidas, no ano passado apresentava algum tipo de inconformidade.

As organizações de apicultores que integram o Grupo Mel do COPA-COGECA consideram necessária uma intervenção por parte da Comissão, no sentido de instalar capacidade analítica na cadeia produtiva, bem como de intervir ao nível do enquadramento legislativo do produto mel, ou seja, alterar a Diretiva 2001/110/CE, a qual permite a comercialização de misturas de mel sem indicação do país de origem, assim como alterar a definição de mel filtrado atualmente em vigor. Consideram ainda necessário que sejam estabelecidos códigos de boas práticas para a alimentação de colmeias, uma vez que atualmente se verifica um elevado nível de utilização destes fatores de produção por parte dos apicultores europeus.

Os dados acima referidos resultam da execução de um plano abrangente e coordenado para determinar a prevalência de práticas fraudulentas na comercialização de mel. A Direção Geral de Saúde e Segurança Alimentar, entidade da Comissão Europeia, é a responsável pelo plano que começou a ser executado em 2015 em todos os Estados Membros, (em Portugal a entidade responsável foi a ASAE – Autoridade de Segurança Alimentar e Económica), tendo sido realizadas análises físico-químicas, polínicas e sensoriais e sido determinados os açúcares através de Cromatografia Liquida ou Cromatografia Gasosa. Em 2016, a Comissão Europeia, em colaboração com o Centro Comum de Investigação (JCI), analisou 1069 dessas amostras através de uma metodologia considerada como o estado da arte, denominada LC-IRMS (Cromatografia Liquida – Isotope Ratio Mass Spectrometry). Os resultados finais globais foram apresentados a 31 de Maio de 2017, por ocasião da reunião do Grupo de Diálogo Civil "Produtos Animais" da Comissão Europeia", em que a FNAP participou.

Tabela 1. *Resultados obtidos por tipo de operador*

Tipo de Operador	nº de amostras	Inconformidades (n)	Inconformidades (%)
TOTAL	**893**	**127**	**14,2%**
Produção	51	5	9,8%
Indústria *	192	17	8,9%
Comércio **	641	105	16,4%
Fronteiras	4	0	0,0%
Desconhecidos	5	0	0,0%

* Inclui distribuidores, importadores, embaladores e outras tipologias de empresas

** Inclui amostras recolhidas em retalhistas, armazenistas e grossistas

Tabela 2. *Resultados obtidos por local de origem do mel*

Local de Origem	nº de amostras	Inconformidades (n)	(%)
TOTAL	**893**	**127**	**14,2%**
Estado Membro da UE	275	53	19,3%
Países Terceiros	55	11	20,0%
Misturas			
de Méis UE	96	19	19,8%
de Méis UE e não UE	426	40	9,4%
de Méis não UE	30	3	10,0%
Desconhecido	11	1	9,1%

Organizações de Apicultores aderem a nova parceria europeia – Confiança é a palavra chave

Apicultores, cientistas, decisores políticos e outras entidades relevantes no sector apícola, estão a formar uma parceria de âmbito Europeu com o objetivo de transformar a forma como a saúde das abelhas é monitorizada na UE.

O compromisso foi o principal resultado de uma importante reunião científica realizada em Bruxelas, no passado dia 30 de junho, designada por "*Towards a European Bee Partnership*" ("Rumo a uma parceria europeia para as abelhas"), tendo contado com a presença de 120 representantes de instituições do sistema científico, órgãos da UE, investigadores, organizações de apicultores e agricultores (entra as quais o Grupo Mel do COPA-COGECA) e ONG's ligadas à apicultura e ao ambiente.

Vontade de colaborar

Simon More, que lidera o grupo de trabalho MUST_B da EFSA, pronunciando-se acerca dos riscos para as abelhas, referiu que resulta "*claro na reunião de hoje, que existe vontade de colaborar por parte de todos os grupos aqui representados*".

"*Temos um claro caminho pela frente: a EFSA facilitará a criação do grupo que servirá de embrião para a concretização da desta parceria europeia a favor das abelhas. Mas isto é apenas o começo. Serão necessárias mais discussões para tornar esta parceria tão ampla e representativa quanto possível*".

Acrescentou ainda que "*esta deve ser uma parceria de todos os interessadas para todos os interessados, uma parceria da vontade, fundada na confiança mútua. Será a única forma da mesma ser bem sucedida*".

Reforçar a monitorização da saúde das abelhas

O foco principal da reunião, integrada no evento promovido pelo Parlamento Europeu "*Bee Week*", foi como melhorar a recolha e a partilha de toda informação disponível sobre a apicultura e as abelhas.

A Eurodeputada Mariya Gabriel, Presidente do Grupo de Trabalho do Parlamento Europeu sobre Apicultura e Saúde das Abelhas, disse na sessão de abertura: "*O espírito da Bee Week é promover a colaboração a todos os níveis e entre todos os setores. A presença de tantos interessados e de tantos peritos é encorajadora; os vossos esforços e valiosas contribuições serão decisivos para tornar este evento um sucesso*".

"*No entanto, o objetivo é ir além da Bee Week. É fundamental que apicultores, cientistas, ONG, fabricantes, agricultores, veterinários e as instituições europeias continuem, no longo prazo, a unir os seus esforços para obter uma melhor e maior partilha e gestão de informação, fortalecer a colaboração mútua e permitir uma mais sólida monitorização e avaliação da saúde das abelhas em toda a UE*".

Acrescentou ainda que o trabalho desenvolvido pela EFSA na área da sanidade apícola, bem como a sua equipa multidisciplinar de especialistas, constituirá uma enorme mais valia na liderança deste projeto.

A EFSA organizou a reunião com a colaboração do COPA-COGECA, da EPBA – European Professional Beekeepers Association, da Bee Life – European Beekeeping Coordination e a ECPA European Crop Protection Association.

In: *http://www.beeculture.com/catch-buzz-bee-groups-embrace-new-eu-partnership-trust-key/*. Tradução: FNAP – Federação Nacional dos Apicultores de Portugal

Posto Apícola será Laboratório Nacional de Referência da Qualidade do Mel

A Federação Nacional dos Apicultores de Portugal (FNAP) e o Instituto Nacional de Investigação Agrária e Veterinária (INIAV) unem esforços para divulgar as Boas Práticas junto dos apicultores portugueses e pretendem criar um Laboratório Nacional de Referência da Qualidade do Mel.

No âmbito do protocolo de colaboração técnico-científica, assinado a 13 de Julho na sede da CAP, as duas entidades comprometeram-se a revitalizar o Posto Apícola, uma estrutura de investigação, experimentação, formação e divulgação, situada na Tapada da Ajuda, em Lisboa, que será um polo dinamizador do setor apícola.

«*A partir desde momento os apicultores portugueses e o setor apícola em geral têm no Posto Apícola um centro de apoio para atualizar conhecimentos e melhorar a sua atividade*», afirmou Manuel Gonçalves, presidente da FNAP, que realça a juventude e a dinâmica do setor da colmeia em Portugal, que conta com mais de 45 técnicos especializados no apoio aos apicultores.

O presidente do INIAV explicou que o Posto Apícola procurará concentrar todas as estruturas de apoio à produção de mel e outros produtos da colmeia, entre as quais, o laboratório de referência de sanidade apícola e, futuramente, o Laboratório Nacional de Referência da Qualidade do Mel, para análises físico-químicas, polínicas e sensoriais. «*O protocolo que hoje assinamos com a FNAP enquadra-se na estratégia do INIAV de estabelecer parcerias com as organizações de cúpula do setor primário, com vista a transferir conhecimento da investigação para os utilizadores finais, estou muito satisfeito com mais este passo*», afirmou Nuno Canada.

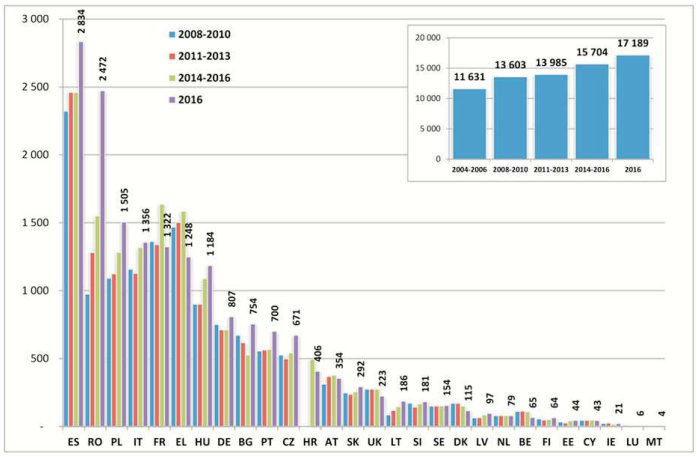
Eduardo Oliveira e Sousa, presidente da CAP-Confederação dos Agricultores de Portugal, manifestou satisfação pela escolha da sede da CAP para a assinatura do protocolo e disponibilidade em apoiar: «*no âmbito das atividades da CAP será com muito gosto que apoiaremos a dinamização do setor do mel, que merece uma atenção especial de divulgação e apoio aos apicultores, para que criem massa crítica e consolidem as suas posições no diálogo com os seus interlocutores comerciais*», afirmou.

O protocolo tem como objetivos: dinamizar estudos, atividades e projetos no espaço do Posto Apícola, que é propriedade do INIAV; aproximar o Posto da comunidade e dos operadores da fileira apícola, na ótica da promoção do intercâmbio e transmissão de conhecimentos, contribuindo para a afirmação da sua relevância no setor apícola nacional.

Comissão Europeia atualiza estatísticas do setor apícola

A Comissão Europeia atualizou as estatísticas referentes ao setor apícola europeu, revelando que em 2016 registaram-se no território dos 28 Estados Membros 606.082 explorações apícolas, o que corresponde a um efetivo de 17.189.000 colmeias (aumento de 9,5 % relativamente a 2015). **Portugal, com um crescimento de 23,5 %, atinge um número recorde de 700.000 colmeias,** mantendo-se a tendência de diminuição do nº de explorações (10.698) verificada nos últimos anos, e que corresponde a uma especialização e crescente profissionalização, dos apicultores portugueses (gráfico 1).

Gráfico 1. *Efetivo apícola nos diferentes Estados Membros da UE (milhares de colmeias)*



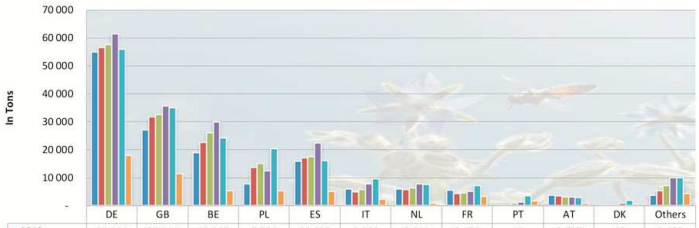
Fonte: Estados Membros

Apesar da evolução positiva, a apicultura continua a ser um setor pequeno, comparativamente com o volume de negócios de outros setores agroalimentares, mas cuja importância é crescente, senão crítica, para outras atividades agrícolas, cada vez mais dependentes do serviço de polinização proporcionado pelas abelhas.

A União Europeia mantém-se como o 2º produtor mundial de mel, apenas ultrapassada pela China, tendo em 2016 sido produzidas 268.000 toneladas de mel pelos 28 estados-membros (um crescimento de 12 % face a 2014). Ainda assim, a UE é altamente deficitária em mel, tendo importado em 2015 um recorde de 197.545 toneladas de mel, das quais 40 % provém da China. A balança comercial é altamente negativa.

Os dados relativos às importações confirmam a tendência de subida das entradas de mel a partir de países terceiros em Portugal, algo que não acontecia em 2012. Desde 2013, com a entrada de 81 toneladas de mel, **o nosso país apresenta entre os 28 o maior crescimento das importações de mel proveniente de países terceiros,** com especial destaque para a China, atingindo em 2016 as 3.447 toneladas. Nos primeiros três meses de 2017, Portugal importou 1.630 toneladas de mel (gráfico 2).

Gráfico 2. *Importações de Mel por Estado Membro da UE (toneladas)*



	DE	GB	BE	PL	ES	IT	NL	FR	PT	AT	DK	Others
2012	54 944	27 114	18 967	7 754	15 825	5 833	5 941	5 475	42	3 727	18	3 699
2013	56 488	31 757	22 498	13 716	17 036	4 973	5 812	4 338	82	3 385	38	5 389
2014	57 507	32 531	25 957	15 044	17 591	5 613	6 403	4 410	776	2 970	71	7 218
2015	61 384	35 698	29 968	12 386	22 336	7 767	7 759	5 043	1 321	3 124	927	9 894
2016	56 056	35 076	24 146	20 406	16 039	9 566	7 530	7 235	3 447	2 942	1 897	10 033
Jan-Mar 2017	17 893	11 443	5 237	5 223	5 008	2 235	833	3 298	1 630	748	577	4 190

Fonte: Eurostat Comext

Agenda

XVIII Fórum Nacional de Apicultura
9 de setembro de 2017
XVI Feira Nacional do Mel
7 a 10 setembro 2017
Organização: FNAP – Federação Nacional dos Apicultores de Portugal
AGUIARFLORESTA – Associação Florestal e Ambiental de Vila Pouca de Aguiar
Câmara Municipal de Vila Pouca de Aguiar

IHC – International Honey Commission 2017 Meeting
Belek – Antalya, Turquia
25 a 28 de setembro de 2017 – Nova data
Organização: IHC

IHC 2017
25-28 September 2017 Maritim Pine Beach Hotel
Belek Antalya

45º Congresso da APIMONDIA
Istambul, Turquia
29 de setembro a 4 de outubro de 2017
Organização: APIMONDIA e TAB

Türkiye Istanbul 2017
45th Apimondia Congress

entrevista

«Estamos empenhados em fomentar a criação de redes»

O Instituto Nacional de Investigação Agrária e Veterinária (INIAV) e a FNAP celebraram dia 13 de Julho um protocolo de colaboração para dinamizar o Posto Apícola (PA), instalado na Tapada da Ajuda, em Lisboa. João Ribeiro Lima, vogal do Conselho Diretivo do INIAV, revela os vários projetos onde INIAV e FNAP colaboram.

João Ribeiro Lima com Manuel Gonçalves, presidente da FNAP, na Feira Nacional de Agricultura

A produção de mel está a aumentar em Portugal e o setor apícola está a atrair novos investidores, a maioria jovens. No entanto, o setor apícola carece de apoio a vários níveis para se tornar mais competitivo, sendo isso também crítico ao nível de I&D. O que está o INIAV a fazer para ajudar nesta matéria?

Promover o incremento da apicultura em Portugal, contribuindo para o aumento da rentabilidade das explorações apícolas, quer através do aumento da produtividade nacional em mel, mas sobretudo através da diferenciação e caracterização do Mel português, nomeadamente da sua qualidade, diversidade e valor alimentar, procurando evidenciar as suas capacidades enquanto alimento nutracêutico. De igual modo a polinização é um serviço do ecossistema prestado essencialmente pelas abelhas melíferas duma forma intensiva. Nos sistemas agroflorestais intensivos desenvolveu-se uma dependência crucial deste serviço por parte das abelhas. A apicultura é diversa e varia muito de região para região. As variáveis bioclimáticas e a própria subespécie da abelha melífera ibérica transformam a apicultura nacional numa atividade peculiar, que requer forte investimento ID&T. Estamos empenhados em fomentar criação de redes com varias entidades do sistema científico nacional e internacional, politécnicos e universidades e centros de investigação, em estreita colaboração com as estruturas organizativas de sector produtivo, particularmente a FNAP.

O INIAV é parceiro de todas as iniciativas submetidas à Operação 1.0.1 - Grupos Operacionais do PDR2020. Que função terá o INIAV nestes projetos?

O INIAV dinamizou e é parceiro nas Iniciativas Grupos Operacionais integradas nas prioridades da agenda de investigação (em finalização) de Centro de Competências da Apicultura e Biodiversidade (CCAB). A função de INIAV é de facilitador, promovendo a interligação entre as várias equipas de trabalho (ver caixa na página 10). A atividade da apicultura desenvolve-se no **Posto Apícola** do INIAV, IP., tendo como funções estabelecidas a investigação e desenvolvimento experimental, formação e extensão em Apicultura. O **Laboratório de Patologia Apícola**, localizado também na Tapada da Ajuda, é laboratório nacional de referência no domínio da patologia apícola.

Do ponto de vista do INIAV, quais devem ser as prioridades de atuação do CCAB?

O INIAV integra o Centro de Competência da Apicultura e Biodiversidade, onde de forma cooperativa participa ativamente na missão de promover o desenvolvimento sustentável e competitivo da fileira apícola nacional, nas vertentes socio-económicas, formativa, técnica e ambiental, pela via da co-operação institucional, com vista ao reforço da investigação, da inovação e da promoção das boas práticas apícolas e da transferência e divulgação do conhecimento. Definiram-se como prioridades de atuação:

- Promoção e o incremento da apicultura em Portugal, contribuindo para o aumento da rentabilidade das explorações apícolas.
- Promoção da proteção de um dos principais insetos polinizadores dos ecossistemas naturais existentes no território português, a abelha *Apis mellifera*, subespécie *Apis mellifera iberiensis*.

- Promoção da prática apícola extensiva praticada em Portugal, de acordo com os princípios da apicultura sustentável.

- Promoção da adesão dos produtores apícolas a sistemas de qualidade certificados (DOP e MPB), contribuindo para a sustentabilidade e competitividade desses sistemas, ao mesmo tempo que se assegura ao consumidor o fornecimento de produtos alimentares de elevada qualidade.

- Promoção de uma estratégia de investigação para todo o sector apícola, focando os principais constrangimentos, numa perspetiva de incremento da produção e comercialização dos produtos, bem como numa aposta em produtos diferenciadores no segmento da "Saúde e bem-estar", incrementando o valor deste tipo de produtos nos mercados.

«É urgente estabelecer mecanismos eficazes de comunicação entre a apicultura e agricultura»

O INIAV e a FNAP celebraram dia 13 de Julho um protocolo de colaboração para dinamizar o Posto Apícola (PA), instalado na Tapada da Ajuda. Quais as atividades a desenvolver no PA?

O **Posto Central de Fomento Apícola** foi criado pelo Decreto nº20417 de 21 de Outubro de 1931 (Lei do Fomento Apícola) pelo ministro Linhares de Lima, sendo as funções alteradas pelo Decreto-lei nº 27207 de 16 de Novembro de 1936, tendo tido um papel preponderante na modernização da apicultura mobilista. É um local com um valor histórico importante e tem infraestruturas que poderão ser postas ao serviço da investigação em apicultura, nomeadamente um apiário experimental, uma melaria, oficinas de apoio e um laboratório. O apiário experimental e escola apresenta-se em socalcos, envolvido por grande diversidade de plantas melíferas. Atualmente tem 50 colónias instaladas em colmeias tipo lusitana. São objetivos principais do protocolo a dinamização de estudos, atividades e projetos no espaço do Posto Apícola, e, a aproximação do Posto Apícola da comunidade e dos operadores da fileira apícola, na ótica da promoção do intercâmbio e transmissão de conhecimentos, contribuindo para a afirmação da sua relevância no setor apícola nacional.

Como se vão articular as duas entidades na gestão desta infraestrutura?

A gestão do presente Protocolo será assegurada por representantes nomeados por cada uma das partes, que terão como missão ser os interlocutores privilegiados nas relações entre as mesmas. Haverá lugar a troca de informação entre as partes, tendo em vista a realização de projetos de investigação de interesse para ambas e para o país.

O INIAV participa no Plano de Ação para a Vigilância e Controlo da *Vespa velutina* em Portugal. Que balanço faz das atividades desenvolvidas desde 2015?

O INIAV participa nas ações de vigilância passiva, vigilância ativa (coordenação), formação, divulgação e monitorização. O INIAV tem colaborado com ações de formação com o objetivo específico de capacitar todos os intervenientes neste Plano, independentemente da fase de atuação ou intervenção em que participam, de modo a estarem dotados de conhecimento técnico e capacidade operacional. As ações de formação têm sido realizadas periodicamente e dado resposta a todas as solicitações, com recurso a técnicos da DGAV, do Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas (ICNF), do Instituto Nacional de Investigação Agrária e Veterinária (INIAV) e da Federação Nacional dos Apicultores de Portugal, na qualidade de formadores, e dirigidas aos diversos agentes intervenientes, tendo participado em 16 ações realizadas cerca de 630 participantes, entre os quais técnicos dos vários organismos da Administração Central e da Administração Local do Estado – DGAV, INIAV, ICNF, DRAP, Câmaras Municipais (nomeadamente GTF - Gabinetes Técnicos Florestais e Serviços Municipais de Proteção Civil), técnicos de organizações de apicultores (associações, sociedades, cooperativas), de caça; de produtores florestais e elementos do SEPNA/GNR, Bombeiros, Guardas de Recursos Florestais, Vigilantes da Natureza e Sapadores Florestais. Nas avaliações de reação a estas ações de formações, devidamente arquivadas na DGAV, a apreciação global tem sido muito positiva, os participantes/formandos têm demonstrado o seu contentamento com a mais-valia dos conhecimentos adquiridos para as funções que exercem.

Fale-nos do plano de investigação integrado que está a ser desenvolvido no âmbito do projeto Gesvespa...

Atendendo às necessidades de investigação do "Plano de Ação para a Vigilância e Controlo da Vespa-asiática em Portugal", particularmente nas ações de vigilância ativa, monitorização e controlo, o INIAV propôs um plano de investigação integrado que está a ser desenvolvido no âmbito do projeto Gesvespa - POSEUR-03-2215-FC-000008, em desenvolvimento de forma colaborativa com instituições do SI&ID regional (IPB, IPVC e UTAD), com as Comunidades Intermunicipais (Alto Minho, Ave, Cávado e Tâmega e Sousa) a FNAP e a DGAV. A área de intervenção abrange a NUT NORTE e os concelhos adjacentes da NUT CENTRO. Está instalada a rede de monitorização em 180 apiários sentinela, que com a coordenação da FNAP, e a participação das suas associadas, recolhem, acondicionam e enviam para o laboratório do INIAV, quinzenalmente as amostras recolhidas. O material biológico é estudado e identificado e permitirá obter informação sobre o ciclo biológico e comportamento. Realizam-se ensaios sobre a eficácia de diferentes tipos de armadilhas e iscos, em colaboração com parceiros locais. O INIAV como entidade líder do projeto, coordena o projeto e assume a responsabilidade pela gestão integral do mesmo. Este projeto dará contribuições assinaláveis para a implantação do Plano de Ação particularmente nas ações e vigilância ativa, monitorização e controlo, assim como o consórcio estabelecido produzirá resultados que irão certamente de encontro às necessidades de investigação enunciadas, particularmente os conhecimentos locais sobre reprodução, comportamento, genética e sanidade da *Vespa velutina*; avaliação de potenciais riscos sanitários para o efetivo apícola; análise da estrutura paisagística enquanto fator que influencia a disseminação da espécie; modelos preditivos para a evolução da disseminação da espécie; adequação e validação de métodos de controlo, captura com armadilhas seletivas e destruição de ninhos.

O que é a Plataforma SOSVespa?

A Plataforma SOSVespa tem como objectivo apoiar a identificação e o controlo da *Vespa velutina* em Portugal. Através da geolocalização *online* dos ninhos desta espécie exótica invasora, esta WebSIG contribui para a comunicação entre as autoridades de nível local (nomeadamente a proteção civil), a população e a administração central, bem como para a tomada de decisões. É uma aplicação gratuita e colaborativa que apoia a monitorização da distribuição e disseminação da vespa asiática através da geolocalização *online*, num servidor de mapas, de avistamentos de ninhos ou de vespas. Quando um avistamento é introduzido, a Plataforma envia avisos automáticos aos administradores locais, para que eles possam agir mais rápido e apropriadamente na destruição dos ninhos ou dos espécimes avistados. Desde que esta Plataforma está operacional (Janeiro de 2015), foram registados cerca de 7200 ninhos e 900 avistamentos de vespas. Cada registo está sujeito a validação pelo administrador local da Plataforma e é visível para o público apenas depois disso. Cerca de 6900 ninhos já foram validados, dos quais aproximadamente 5000 foram destruídos pelas autoridades locais. O site SOS vespa tem sido valorizado internacionalmente, servindo até de modelo para outros países recentemente invadidos pela *Vespa velutina*, particularmente a Itália e Alemanha.

«O *site* SOS vespa tem sido valorizado internacionalmente, servindo até de modelo para outros países»

O INIAV mantém contato com investigadores de outros países onde a *Vespa velutina* é endémica. Existem medidas de controlo a ser adotadas nesses países, que possam ser replicadas em Portugal?

A *Vespa velutina* é uma espécie endémica do sudoeste asiático, sendo referenciada na Coreia, China e Japão, onde não é referida com risco para as abelhas locais (*Apis ceranae*), que têm estratégias para se defenderem naturalmente. O INIAV vai integrar parcerias europeias nomeadamente COLOSS – Velutina Task Force que determina a incorporação de uma ação asiática no sentido de incorporar informação sobre os fatores de limitação natural, como parasitas, parasitoides e predadores, assim como estratégias de controlo implementadas nestes territórios de origem. Como curiosidade refere-se a utilização das larvas de vespa para a alimentação humana, como justificação da contenção no desenvolvimento do crescimento, promovendo uma procura de ninhos e sua deteção precoce, cuja recolha origina uma verdadeira ação de limitação e controlo.

Peço um comentário seu à seguinte afirmação: «Os agricultores querem produzir de forma mais amiga das abelhas, mas tem que ser rentável para eles», Walter Haefeker, presidente da Associação Europeia de Apicultores Profissionais (EPBA)

O essencial neste comentário é na nossa perspetiva a necessidade urgente de estabelecer mecanismos eficazes de comunicação entre a apicultura e agricultura. Havendo uma estratégia de interação entre os agricultores e os apicultores é possível desenvolver práticas acertadas entre a atividade apícola e a atividade agrícola, conduzindo a mais-valias assinaláveis para as duas partes. Esta solução poderá de igual modo ser utilizada por agricultores, permitindo a melhoria significativa do processo produtivo, ao incorporar questões relacionadas com pesticidas, biodiversidade e práticas culturais e relacioná-las entre si, permitirá percepcionar os riscos causados no ecossistema e facilitar a adoção de práticas mais sustentáveis e a redução do uso de pesticidas. Esta visão biunívoca (processo) é claramente inovadora, e permitirá obter benefícios em dois setores de grande importância e profundamente interdependentes – agricultura e apicultura. A colocação no mercado de produtos que se podem diferenciar com rótulo do tipo 'amigo das abelhas' significa acrescentar competitividade num mercado onde a suspeita de falta de qualidade tem trazido desvantagens competitivas. Este tipo de designações permitirá um posicionamento no mercado de novos produtos agrícolas e apícolas, que se distinguem pela qualidade (produtos provenientes de ecossistemas mais equilibrados) e segurança associada à redução do uso de pesticidas (Homem e ambiente). Estes produtos são vocacionados para mercados exigentes, com capacidade de os diferenciar e disponíveis para pagar mais por estes benefícios associados à qualidade dos produtos e segurança para a saúde e ambiente.

A implementação desta ideia está contida numa proposta de iniciativa de Grupo Operacional (PP4BEES) em que somos parceiros, em que através da construção e disponibilização de um referencial para avaliar e gerir o risco de pesticidas este sirva de suporte e apoio à tomada de decisão de agricultores e apicultores.

João Ribeiro Lima, vogal do Conselho Diretivo do INIAV

Grupos Operacionais no âmbito da Apicultura

PoliMax - Promoção e aumento da eficiência da Polinização entomófila em macieiras, pereiras e cerejeiras.
Objetivos: Promover o processo de Polinização entomófila como forma de aumentar o rendimento da produção agrícola, obtendo-se frutos, com sementes, de valor acrescentado devido à sua qualidade nutricional, capacidade de conservação e resistência a inimigos.
Coordenador: COTHN Centro Operativo Tecnológico Hortofrutícola
Parceiros: INIAV, Cerfundão, Cooperfrutas, Campotec, FNAP e Pinus Verde.

PP4B - "Impacto dos pesticidas nas abelhas e na apicultura"
Objetivos: Avaliação do risco de mortalidade de abelhas por aplicação de produtos fitofarmacêuticos em sistemas biodiversos e policulturais no território continental e implementação de um processo para a sua mitigação através da construção de indicadores de uso de pesticidas.
Coordenador: IPV - Instituto Politécnico de Viseu
Parceiros: IPS/ESAS, INIAV, FNAP, DGAV, AABA, ECOSEIVA Lda, João Coimbra & Herdeiros

PRIMEMEL - Valorização dos méis monoflorais portugueses e méis protegidos através da definição das suas características sensoriais, físico-químicas e polínicas, contribuindo assim para o seu enquadramento legal e a sua afirmação junto dos consumidores.
Coordenador: FNAP
Parceiros: INIAV, PROSENSE, CONSULAI, IPB

DivInA- DIVersificação e INovação na produção Apícola **(já aprovado)**
Objetivos: Melhoria da rentabilidade das explorações apícolas pela comercialização de produtos apícolas Inovadores com elevado potencial de mercado
Cordenador: IPB
Parceiros: INIAV, UAlgarve, FNAP, Associação dos Apicultores do Parque Natural de Montesinho; Apilegre - Associação dos Apicultores do Nordeste do Alentejo; Associação dos Apicultores da Região de Leiria; MELGARBE – Associação dos Apicultores do Sotavento Algarvio.

8º Concurso Nacional do Mel

A FNAP anunciou a 16 de Maio, na Feira Nacional de Agricultura em Santarém, os vencedores do 8º Concurso Nacional do Mel e do 5º Concurso Nacional de Embalagens de Mel.

Com um Regulamento renovado, o 8º Concurso Nacional de Mel premiou os melhores méis portugueses das classes correspondentes às predominâncias polínicas típicas da flora apícola nacional, produzidas em modo convencional ou modo de produção biológico. Este ano o Regulamento introduziu a exigência de número mínimo de amostras para a atribuição de medalhas, por forma a validar a classificação por comparação entre méis representativos da mesma classe.

Estiveram a concurso 36 méis, com representatividade de todo o território de Portugal Continental, Madeira e Açores.

Os méis mais representados foram o Mel Rosmaninho, o Mel de Urze e Mel Multifloral em ambas as categorias às quais foram atribuídas 5 Medalhas de Ouro; 5 Medalhas de Prata; 2 Medalhas de Bronze, incluindo o Mel do Ano obtido na Classe de Mel Urze.

Qualificaram-se ainda 5 Menções Honrosas para as classes Castanheiro; Eucalipto; Incenso, Laranjeira e Medronheiro, por insuficiente número de amostras a concurso.

Estes resultados demonstram a crescente preocupação dos apicultores e embaladores em submeter a concurso méis previamente selecionados organoleticamente, em detrimento da quantidade, assim como o rigor e exigência de qualidade imposta pela FNAP enquanto promotora do Concurso Nacional de Mel.

Aos produtores medalhados foi disponibilizada pelo CNEMA, parceiro neste concurso, o direito de uso da Imagem do Concurso Nacional de Mel e respetivo prémio "Mel de .." em todas a publicações promocionais e rótulo dos lotes premiados. A todos eles os nossos parabéns.

Mel do Ano

Capolib – Mel de Urzes (16/05) - Produtor: Capolib Crl.

Mel de Rosmaninho

Ouro: Mel Serra de Portel - Produtor: Mel Serra de Portel

Prata: Apisland - Produtor: Apislad, Lda

Mel de Urze

Ouro: Capolib - Produtor: Capolib Crl

Prata: Cooperativa do Ceira - Produtor: Cooperativa Social e Agro-industrial de Vila Nova do Ceira
Bronze: Apimel - Produtor: Apimel - Ventura & Castanheira, Lda

Mel Multiflora

Ouro: Lousamel – Mel de Urze e Castanheiro (Mel de Montanha) Produtor: Lousamel, Crl.

Prata: Serramel – Mel de Queiró e Rosmaninho Produtor: Euromel, Lda.
Bronze: Mel da Serra de Montemuro e Paiva – Produtor: Associação de Produtores Florestais de Montemuro e Paiva

Mel em Modo de Produção Biológico – Rosmaninho

Ouro: Ângela Oliveira

Prata: Helder Afonso – Biomelmder – Produtor: Helder Afonso
Bronze: Apisland – Produtor: Apisland, Lda.

Mel em Modo de Produção Biológico - Urze

Ouro: Mel Santa Maria – Produtor: MSM – Apicultura, Lda.

Mel em Modo de Produção Biológico - Multiflora

Ouro: Apisland – Produtor: Apisland, Lda

Prata: Mel do Parque de Montesinho – Produtor: Agrupamento de Produtores de Mel do Parque

Menções Honrosas

Mel de Laranjeira – Produtor: Apisland, Lda
Mel de Incenso – Produtor: Flor do Incenso – Cooperativa Apícola da Ilha do Pico
Mel de Eucalipto – Produtor: Apimel - Ventura & Castanheira, Lda
Mel de Castanheiro – Produtor: Apisland, Lda
Mel de Medronheiro – Produtor: Apisland, Lda

5º Concurso Nacional de Embalagens de Mel

Ouro: Apisland, Lda

Prata: Flor do Incenso
– Cooperativa Apícola da Ilha do Pico

Bronze: Euromel, Lda.

Mel do Ano 2017

De sabor muito intenso, com acentuadas notas florais a urze e carqueja, o "Mel de Barroso", da Capolib-Cooperativa Agrícola de Boticas, conquistou o júri do 8º Concurso Nacional do Mel e arrecadou o Ouro.

Mel do Ano 2017

O Barroso foi um lugar de tradições, onde Homem e Natureza convivem em plena harmonia, tirando partido do clima continental de montanha, com invernos frios e verões suaves. Na flora autóctone abunda a urze e a carqueja, fonte de alimentação da famosa raça bovina Barrosã, e repasto de eleição também para a abelha *Apis melífera*.

A apicultura é uma atividade relevante na região e atrai cada vez mais jovens investidores, que encontram na Capolib-Cooperativa Agrícola de Boticas uma âncora sólida para transformar, comercializar e promover o seu mel.

A Capolib é a primeira Organização de Produtores (OP) de mel reconhecida em Portugal e tem um histórico invejável de méis medalhados. Este ano arrecadou o prémio máximo do 8º Concurso Nacional do Mel, organizado pela FNAP, com o Mel de Urzes. Um orgulho para os 160 apicultores associados da Capolib, expresso nas palavras de Albano Álvares, seu presidente: «*este prémio reconhece o trabalho ordenado e coordenado da Capolib em prol da identidade do mel do Barroso. Só com o empenho dos nossos associados e da equipa técnica que os acompanha é possível apresentar um mel de qualidade ao mercado*».

A OP de mel da Capolib reúne um total de 160 apicultores, com apiários nos concelhos de Boticas, Montalegre, Chaves, Vila Pouca de Aguiar e Murça. A apoiá-los está uma equipa de dois técnicos, a tempo inteiro no terreno, e que também ajudam com candidaturas a subsídios, projetos de investimento, entre outros.

«*Os nossos apicultores só têm de se preocupar em produzir bom mel, o resto é tratado pela Casa do Mel*», explica Albano Álvares, referindo-se aos serviços de extração do mel, embalamento e rotulagem realizados pela cooperativa.

A produção média anual da Capolib ronda as 30 toneladas de mel, um volume razoável, atendendo à região de minifúndio em que se insere. O objetivo da cooperativa é atingir as 50 toneladas de mel nos próximos anos e investir na promoção e venda de novos produtos à base de mel. «*Estamos a fazer um trabalho de seleção do mel e a criar novos produtos, como o mel com amêndoas ou com nozes e a investir em embalagens premium*», acrescenta. Em parceria com investigadores do Instituto Politécnico de Bragança e, da Universidade de Vigo e com o chef Hélio Loureiro, a Capolib está a criar novos produtos que retomam a tradição gastronómica das casas de lavoura do Barroso, como os rojões com mel ou os bolos secos de mel.

A urze faz parte da flora autóctone do Barroso

Como se avalia o mel?

Os méis submetidos ao Concurso Nacional do Mel passam por um apertado *screening* de análises físico-químicas, polínicas e sensoriais que aferem a sua qualidade e autenticidade. O júri do concurso é composto por um experiente painel de provadores que têm em comum a paixão pelo mel e uma acuidade sensorial acima da média.

Nos bastidores do 8º Concurso Nacional do Mel reina o silêncio e a concentração entre os 12 membros do júri que procede à análise sensorial de 36 amostras. Munidos de água, bolachas de água e sal e fatias de maçã, para lavar o palato entre duas provas de mel, apuram os sentidos e iniciam a maratona.

«A qualidade do mel nacional melhorou imenso»

O critério aparência é o primeiro a ser avaliado. O olhar treinado do provador varre a amostra em poucos minutos, tentando posicionar o mel quanto à cor, turbidez e brilho, numa escala de 1 ("Mau") a 10 ("Excelente"). O olfato é o segundo sentido a entrar em ação. Ao primeiro contato, são inalados os aromas mais evidentes e avaliados quanto à sua intensidade, persistência e valia global. Logo depois entram em ação as papilas gustativas, medem-se as sensações gustativas e retronasais, as sensações tácteis (consistência e cristalização) e eventuais defeitos do mel, que se detetam pelo sabor a fermentado, a fumo, a químicos ou a timol.

O painel de provadores que serve de júri ao Concurso Nacional do Mel foi selecionado pela FNAP, com a consultoria de uma empresa externa e independente, e é treinado por ambas as entidades há vários anos. Os provadores são pessoas com grande capacidade de reagir a estímulos sensoriais e acuidade sensorial acima da média. «*Provar aprende-se e requer muito treino até que o provador consiga abstrair-se das condicionantes externas (frio, calor, etc) e internas (estado de humor, etc) que afetam os seus sentidos no momento da prova*», explica Sara Beirão da Costa, sócia-gerente da ProSense e consultora a responsável pela validação do processo de prova. «*Pode parecer chocante, mas pretendemos que o provador se assemelhe a uma máquina, ou seja, confrontado 20 vezes com o mesmo estímulo dará uma resposta semelhante*», acrescenta. Apesar disso, na avaliação sensorial o Homem não pode ser substituído pela máquina, porque só o ser humano consegue fazer uma avaliação holística, analisando em simultâneo aspeto visual e sonoro, sabor e aromas.

Sara Beirão da Costa (à esq.), sócia-gerente da ProSense, e Helena Guedes, técnica da FNAP

Os critérios sensoriais são os que contam no momento de consumir o mel e de decidir se repete a compra, no entanto, num concurso de mel há outros critérios de avaliação não menos importantes e que podem ditar a exclusão das amostras apresentados a concurso. Tudo começa com as análises físico-químicas, para pesquisa de resíduos e contaminantes, e com a classificação do mel por categorias

– Produção Convencional ou Modo de Produção Biológico - e por classes – Monoforal ou Multifloral, consoante o perfil polínico das plantas que lhe dão origem. É no laboratório que se afere se a amostra respeita o teor mínimo de pólen admitido de determinada espécie de flor para que seja considerado monofloral. Caso não atinja o mínimo necessário, o mel em causa continua em concurso, mas passa para a categoria de Multifloral.

«Este concurso avalia o que de melhor se faz em Portugal»

O Concurso Nacional do Mel é uma forma de promoção da autenticidade e qualidade do mel nacional e pretende ensinar mais sobre o produto. «*O Concurso Nacional do Mel serve para garantir ao consumidor final e a toda a cadeia de comercialização que os méis estão a ser acompanhados desde a produção, e que cumprem as normas em vigor desde a colmeia à embalagem, mas também visa informar os consumidores sobre os diferentes tipos de méis que existem, desmistificando a ideia de que o mel sabe o mel*», explica Helena Guedes, técnica da FNAP. «*Já começa a haver uma forma diferente de pedir o mel, o consumidor está mais informado graças aos concursos de mel e ao trabalho de promoção realizado pela FNAP e pelas suas associadas, mas é preciso fazer mais para que os apicultores saibam promover os seus méis em função da distinção do sabor e da origem*», remata Helena Guedes.

O olhar treinado do provador varre a amostra em poucos minutos, tentando posicionar o mel quanto à cor, turbidez e brilho

O gosto pela apicultura e o fascínio pela diversidade e qualidade dos méis portugueses motivam Helena Paula Vicente a integrar o painel de provadores de mel da FNAP. Na sua carreia profissional de mais de 30 anos no atual Instituto de Conservação da Natureza e Florestas (ICNF), integrou um dos primeiros grupos que recebeu formação sensorial para provas de mel e deixou-se seduzir pela riqueza deste produto. «*Os primeiros méis que avaliei, de cortiço, quase não se podiam classificar como tal, mas hoje em dia, fruto do trabalho de formação realizado pelos técnicos apícolas junto dos apicultores, a qualidade do mel nacional melhorou imenso. É incrível o salto qualitativo que os méis nacionais deram nos últimos anos*», afirma, acrescentando: «*os concursos de mel são uma ferramenta potente para divulgar o mel e a sua qualidade junto do consumidor*».

Paulo Varela, técnico da Montemormel- Associação dos Apicultores do Concelho de Montemor-o-Novo, é provador de mel desde 2001, primeiro em concursos regionais e mais recentemente como membro do júri do Concurso Nacional de Mel promovido pela FNAP. «*Notou-se ao longo dos anos uma melhoria dos méis apresentados aos concursos regionais. Mais do que ganhar um prémio, os apicultores participam para aferir a sua forma de produção, porque um concurso de mel também serve para corrigir erros*», conta Paulo Varela, acrescentando que «*um painel de júri com credibilidade faz uma aferição dos méis apresentados a concurso, o que é uma mais-valia para o produtor que ganha o concurso, mas também para o setor apícola*», remata.

Apicultura, agricultura e biodiversidade

Apicultura e agricultura são atividades compatíveis e podem conviver de forma harmoniosa em prol da manutenção e incremento da biodiversidade.

Manuel Gonçalves, presidente da FNAP, apresenta a mesa de debate, moderada por João Ribeiro Lima, vogal do conselho diretivo do INIAV

Um seminário organizado pela FNAP-Federação Nacional dos Apicultores de Portugal, a 16 de Junho, na Feira Nacional de Agricultura em Santarém, mostrou como é possível praticar uma agricultura intensiva e rentável, que é em simultâneo amiga do ambiente e dos insetos polinizadores.

O exemplo de boas práticas foi apresentado por João Coimbra, agricultor que pratica «*uma gestão de precisão para conciliar produtividade e sustentabilidade*» na sua exploração na Quinta da Cholda, na Golegã, onde produz mais de 500 hectares de milho em monocultura. Encara a tecnologia de precisão como uma ferramenta para aumentar a rentabilidade, reduzindo em simultâneo os impactos no ambiente. Há cerca de cinco anos começou a instalar infraestruturas ecológicas na sua exploração para alimentação e refúgio da fauna local: margens biodiversas semeadas com misturas de espécies herbáceas selecionadas para fixar insetos auxiliares; charcas para répteis e anfíbios; abrigos para morcegos; sebes naturais nas bordaduras das parcelas; sementeira de ervas aromáticas para fixar insetos e até um apiário. Cerca de 15% da área da sua exploração agrícola é devotada a estas infraestruturas ecológicas. «*Manter a biodiversidade é mais barato do que recuperá-la*», garante João Coimbra, que quer envolver outros agricultores da região neste modo de fazer agricultura, e promete para breve a publicação de manual de boas práticas. O seu próximo desafio é quantificar o valor dos bens públicos produzidos na sua exploração agrícola.

João Coimbra, agricultor na Golegã

Cristina Amaro da Costa, investigadora da Escola Superior Agrária de Viseu, apresentou o Grupo Operacional PP4B – "Impacto dos pesticidas nas abelhas e na apicultura", que visa avaliar o risco de mortalidade de abelhas por aplicação de produtos fitofarmacêuticos em sistemas biodiversos e policulturais e implementar um processo para a sua mitigação através da construção de indicadores de uso de pesticidas. Os investigadores criaram uma fórmula para avaliar a "pegada" causada pelos pesticidas em várias regiões do país, que funcionará como indicador das zonas de maior risco onde os apicultores não devem instalar apiários. A intenção do projeto é disponibilizar uma aplicação que os apicultores podem usar no telemóvel. O Grupo Operacional é coordenado pela ESAV e tem como parceiros a FNAP, a Escola Superior Agrária de Santarém, o Instituto Nacional de Investigação Agrária e Veterinária, a Direção-Geral de Agricultura e Veterinária, a Associação de Agricultores do Baixo Alentejo e as empresas ECOSEIVA Lda e João Coimbra & Herdeiros.

Cristina Amaro da Costa, investigadora da Escola Superior Agrária de Viseu

Henrique Pereira, investigador do Centro de Ecologia Funcional da Universidade de Coimbra

Henrique Pereira, investigador do Centro de Ecologia Funcional da Universidade de Coimbra, explicou a importância da polinização entomófila, ou seja, por insetos, nas explorações agroflorestais. Mais de 75% das espécies vegetais beneficiam dos serviços de polinização por insetos, que aumenta a produção de sementes e frutos, assim como a qualidade do fruto. Segundo o investigador, a diversidade de polinizadores silvestres está positivamente correlacionada com o aumento na produção vegetal. O valor da polinização, à escala global, equivale a valores entre os 235 mil milhões e 577 mil milhões de dólares. No entanto, na última década o declínio das populações de abelhas melíferas e outros insetos polinizadores tem vindo a ser intensamente reportado, estando na sua origem diversos fatores, entre os quais as alterações climáticas e o uso intensivo de pesticidas. É por isso necessário «*desenvolver estratégias adequadas de conservação e valorização dos recursos de polinização*», afirmou, deixando um alerta da autoria de Albert Einstein: «*Se as abelhas desaparecerem da face da Terra, ao Homem restam apenas quatro anos de vida. Sem abelhas, não há polinização, não há plantas, não há animais, não há homem*».

A indústria de pesticidas foi também convidada para o debate, em sua representação a ANIPLA apresentou o trabalho que realiza em Portugal na área da formação sobre uso seguro de produtos fitofarmacêuticos e alguns projetos das empresas suas associadas em prol do incremento da biodiversidade e da proteção da saúde das abelhas, como o "Bayer Bee Care", da Bayer Crop Science e o "Operation Pollinator", da Syngenta ou o "Projeto Girassol", iniciado em Espanha pelo INIA, com a participação de ambas as empresas, que estuda a saúde das abelhas em campos de girassol semeados com sementes tratadas com pesticidas.

Catarina Reis e Teresa Sezinando em representação da ANIPLA

O valor da polinização na agricultura

A Associação dos Apicultores da Região de Leiria, Ribatejo e Oeste, associada da FNAP, organizou a 29 de Abril o seminário "Apicultura e Agricultura- o valor da polinização", no auditório da biblioteca municipal de Alcobaça.

80% da produção agrícola na EU-15 precisa de polinização entomófila

As infraestruturas verdes (margens funcionais e sebes de flores) são uma forma de proteção dos insetos polinizadores no contexto agrícola. Henrique Pereira, investigador do Centro de Ecologia Funcional da Universidade de Coimbra, o primeiro orador da tarde, deu como exemplo o projeto europeu Poll-Ole-GI , que visa reforçar a abundância e a biodiversidade de insetos polinizadores através da instalação de infraestruturas verdes especializadas para culturas oleaginosas (girassol e colza) em Portugal, Espanha e França, proporcionando o habitat e os recursos necessários aos polinizadores. Embora a polinização animal não seja estritamente necessária para qualquer uma destas plantas, a sua qualidade melhora bastante com a polinização por insetos e a quantidade de sementes que produzem é maximizada.

Em Portugal, o projeto PoliMax tem por objetivo promover e aumentar a eficiência da polinização entomófila em macieiras, pereiras e cerejeiras, que garante frutos com mais sementes e, potencialmente, maior qualidade da fruta à colheita e durante a sua conservação. Este projeto é uma iniciativa conjunta da FNAP, COTHN, Cerfundão, Cooperfrutas, Campotec, Pinus Verde e INIAV e foi aprovado no âmbito dos Grupos Operacionais, aguardando financiamento. Os proponentes querem dar resposta a problemas como a reduzida atratividade das flores da pereira Rocha para os polinizadores; a necessidade de produzir frutos de maior calibre em variedades de maçã Reineta e Fuji ou a auto-incompatibilidade de variedades de cerejeira para polinização cruzada. «*Queremos reduzir a dependência dos produtos de síntese, promovendo o uso de polinizadores entomófilos pelos agricultores. É um serviço que o apicultor pode prestar ao fruticultor, beneficiando simultaneamente a produção de méis monoflorais*», explicou Maria do Carmo Martins, secretária-geral do COTHN.

Rui Maia de Sousa, investigador do polo do INIAV em Alcobaça, deu uma verdadeira aula sobre polinização em fruteiras, reforçando algumas ideias que todos os fruticultores devem reter, como por exemplo, que «*os frutos que são polinizados de forma natural (polinização entomófila) têm mais sementes e por isso maior qualidade do que os frutos de árvores que são sujeitos à aplicação de hormonas e reguladores de crescimento». A este propósito* explicou que é o diâmetro e não o peso que conta na avaliação do calibre da fruta, nomeadamente nas peras, e que a assimetria dos frutos está em geral relacionada com uma polinização mal feita ou deficiente.

«Não podemos ter fruticultores sem apicultores»,
Rui Maia de Sousa, INIAV

O investigador aludiu aos valores de referência para o número de colmeias a instalar por hectare de pomar de fruteiras, sendo as espécies mais exigentes o kiwi (9 a 12 colmeias/ha), a cerejeira (8) e a amendoeira (6 a 8). Deixou ainda uma lista de itens que devem figurar num contrato de prestação de serviços de polinização entre fruticultor e apicultor: nº colmeias a instalar, custo por colmeia, data de colocação e retirada das colmeias do pomar, modo de distribuição das colmeias no pomar, número de visitas a

efetuar pelo apicultor às colmeias, ter uma fonte de água próxima do pomar e não aplicar produtos fitofarmacêuticos durante a estadia das colmeias no pomar.

Painel de oradores (da esq. para a dir.): João Casaca (FNAP), Rui Maia da Sousa (INIAV), Maria do Carmo Martins (COTHN), Sílvia Castro e Henrique Pereira (Universidade de Coimbra)

João Casaca, secretário-geral da FNAP, apresentou dados sobre a apicultura na União Europeia e o valor do serviço de polinização para a agricultura europeia, avaliado em pelo menos 10,4 mil milhões de euros. Quanto às perdas anuais de colónias de abelhas no espaço comunitário a média é de 15%, embora haja países em que as perdas atingem os 40%. Em Portugal o número de colmeias tem vindo a aumentar 5% a 10% ao ano, tendo atingido em 2016 o valor mais elevado de sempre - 700 mil colmeias -, o que revela «o forte investimento realizado pelos apicultores nacionais e prova que o setor apícola tem sucesso e condições para crescer ainda mais», afirmou.

Anabela Mendes e Ivo Santos da Associação dos Apicultores da Região de Leiria, Ribatejo e Oeste (AARL), com João Casaca da FNAP

Segundo a FNAP, em Portugal 90% dos serviços de polinização estão assegurados (dados de 2014), embora nos últimos anos devido à plantação de grandes áreas de pomares de fruteiras (amendoais e outros) a necessidade de polinizadores esteja a aumentar. Na vizinha Espanha apenas 50 a 70% das necessidades de polinização na agricultura estão cobertas.

A tarde de debate terminou com a degustação de bolos à base de mel, sumos naturais de fruta e fruta fresca, fazendo alusão à simbiose necessária e desejável entre os dois mundos: apicultura e agricultura.

«A aplicação de pesticidas durante o período de floração é um crime»,
Rui Maia de Sousa, INIAV

APIGUADIANA - Associação de Apicultores do Parque Natural do Vale do Guadiana
Rua D.Sancho II, nº 15
7750-350 Mértola
Telefone: 927 689 038
E-mail: apiguadiana@gmail.com

Assistência Técnica: Engª. Marlene Soares

Presidente da Direção: Engº. Paulo Silva

A APIGUADIANA – Associação de Apicultores do Parque Natural do Vale do Guadiana é uma associação sem fins lucrativos criada em Março de 2000. Conta actualmente com 133 associados. Estes apicultores representam cerca de 13.000 colónias, segundo o registo efectuado em 2016 e produzem em média 260 toneladas de mel.

A área de actuação da Associação abrange toda a área do Parque Natural do Vale do Guadiana e, com o passar do tempo devido às solicitações dos apicultores, foi estendendo a sua intervenção aos concelhos de Almodôvar, Beja, Castro Verde, Alcoutim e Castro Marim.

Concelhos abrangidos

A APIGUADIANA tem como principais objectivos: apoiar a produção de mel de qualidade e facilitar o escoamento de mel produzido; promover o mel da área do Parque Natural do Vale do Guadiana, controlando as doenças de declaração obrigatória e a entrada de apiários transumantes e promover a região, através da divulgação do mel de grande qualidade que é produzido pelos seus associados nos concelhos de Mértola, Serpa e limítrofes.

Principais atribuições da Associação, conforme estatutos: colaborar e incentivar a criação de uma zona "sanitariamente controlada", que abrangerá toda a sua área de actuação; ministrar formação aos associados e interessados nos aspectos sanitários, no maneio dos apiários, na colheita, embalagem e armazenamento do mel, com vista ao aumento da produção e da melhoria da qualidade dos produtos apícolas; fazer a promoção dos produtos apícolas dos associados junto do público; representar os associados junto de outras organizações de apicultores e das entidades públicas e privadas, defendendo os seus interesses e desenvolver todas as iniciativas tendentes à criação de uma "Denominação de Origem Protegida – D.O.P", para o mel produzido em toda a área de actuação da Associação.

Quais as principais características dos produtos apícolas da região?

Toda a área do Parque Natural do Vale do Guadiana é caracterizada pela influência mediterrânica, com Verões quentes e secos e Invernos amenos e pouco chuvosos. Esta influência traduz-se numa vegetação adaptada aos climas secos e com uma época de produção apícola muito curta, com elevadas produções de néctar. Outra característica a ter em conta é a ausência de agricultura intensiva, estando a atividade ligada à pastorícia e culturas de sequeiro, garantindo assim a elevada qualidade dos produtos da região.

Existem vários tipos de méis na região, mas o que mais se destaca é o Mel de Rosmaninho de Mértola. Na região existem três espécies de rosmaninho, o que confere ao mel uma qualidade impar, reconhecida há largos anos. Consoante o clima, são ainda produzidos na região, mel de cardo (*Carlina racemosa*) e meladas de azinheira. A água-mel, produzida familiarmente, com sabor forte e muito característico é considerada um precioso subproduto.

Com que desafios se depara atualmente a apicultura na região?

São dois os principais desafios na nossa região: adaptação às alterações climáticas e encontrar áreas de pastagem face à redução das mesmas.

Sobre o primeiro, o aumento das ondas de calor e a redução da precipitação nos meses de produção, tem afetado muito a produção de mel, tanto em termos de qualidade, como em quantidade, além de influenciar as condições fisiológicas das abelhas, tornando-as mais suscetíveis às doenças. Alguns apicultores optam por diversificar as suas produções, uma vez que a principal produção afetada é o mel.

Existem já algumas estratégias seguidas pelos nossos apicultores, como colocar as colmeias à sombra, criar estruturas de ensombramento, mas faltam ainda colmeias mais resistentes ao calor, modelos alternativos que facilitem a circulação de ar e outras estratégias que possam ajudar as abelhas durante o período crítico do calor.

Existem já inúmeros modelos experimentais (modelos caseiros), mas falta testá-los e validá-los com base em parâmetros quantificáveis, que possam ser comparáveis, e transferir esses modelos para os apicultores.

E o problema da redução da área de pastagem...

Mértola foi em tempos uma zona muito forte em área de rosmaninho, sendo por isso o seu mel de rosmaninho muito apreciado e valorizado. Data da época de D. Dinis (1261-1325), um foral que concedia a Serra de Mértola e Serpa para a exploração apícola, exploração essa que tinha por base a elevada qualidade do mel de rosmaninho, bem como da cera aí produzida. Foi ainda elaborado, no ano de 1406, um plano de ordenamento (Aranzel das Malhadas) que definia como máximo 400 colmeias por apiário, sinónimo da qualidade e quantidade de pastagem existente.

No entanto, essas áreas têm sido reduzidas, devido às políticas agrícolas nacionais que obrigam os agricultores a desmatar para receber as ajudas, mesmo que aí não produzam nada. Aliás, apreciando a situação do ponto de vista do custo benefício, sem contar com os apoios recebidos, a apicultura deve ser uma das atividades mais rentáveis que podemos encontrar nas zonas de interior em regime de sequeiro. Se tivermos em conta critérios ambientais, como sequestro de carbono e serviços de polinização, então passa a ser uma das atividades como maior grau de sustentabilidade em todo o mundo da agricultura.

O ideal seria fazer as contas sobre o que produz um hectare de mato de alta qualidade e comparar com as produções desse mesmo hectare com diferentes utilizações de sequeiro, para ver que tipo de ocupação seria mais rentável, podendo assim exigir-se mais apoios para o setor apícola.

O que perspetiva para a fileira apícola nacional nos próximos anos?

A fileira apícola terá obrigatoriamente de seguir o caminho da profissionalização, distinguindo o apicultor profissional do não profissional. Este é um passo importante, pois existem muitos apicultores e jovens apicultores que se têm estabelecido, que dependem exclusivamente das abelhas para garantir o seu rendimento. Esta distinção é importante não tanto ao nível dos serviços ambientais, mas ao nível dos possíveis apoios à produção.

Num quadro de alterações climáticas com redução das precipitações, aumento das temperaturas, muitas das atividades agrícolas que hoje são rentáveis, poderão não o ser num futuro próximo.

E nessa altura colocar-se-á a questão de que agricultura queremos ou podemos fazer. Vamos procurar modelos de agricultura mais adaptados aos cenários anteriormente referidos e vamos ver que a apicultura se enquadra perfeitamente. Iremos ver que não podemos apoiar todos os apicultores, até porque muito deles têm atividades complementares ou não dependem exclusivamente dela para garantir o seu sustento.

Ai teremos obrigatoriamente de fazer a distinção entre apicultor profissional e não profissional e passar a apoiar a produção de mel de qualidade, que terá meios de se afirmar na Europa e no Mundo, à semelhança de outros setores.

AALBA – Cooperativa de produtores de Mel, CRL
Urbanização dos Camarinhos, Lt 69, R/C Dto
Meia Légua
2400-442 Parceiros LRA
244 826 700 | 961 828 544
www.aalbacoop.com | geral@aalba.pt

A AALBA - Cooperativa de Produtores de Mel, CRL fundada a 21/12/2012, com sede em Leiria, surgiu a partir do trabalho realizado pela Associação de Apicultores da Região de Leiria, Ribatejo e Oeste (AARL), no sentido de valorizar a produção dos seus associados. Neste contexto, a AARL reativou a produção do Mel do Ribatejo Norte DOP, da qual se tornou Entidade Gestora, e incentivou os produtores a criarem uma Cooperativa para comercializar este e outros méis oriundos da sua produção.

Desde a sua fundação, a Cooperativa tem como área de intervenção todo o território nacional e como principal objetivo concentrar, valorizar e comercializar os produtos resultantes das explorações apícolas dos seus cooperadores.

Constituída por 71 produtores, em que cerca de 43% são apicultores que implementaram projetos de investimento, é uma "jovem" entidade com uma capacidade produtiva crescente.

Foi reconhecida como Organização de Produtores pela primeira vez em 2014, ano em que iniciou as suas atividades comerciais no mercado Europeu, com o qual continua a trabalhar.

O saber da terra,
o sabor da dedicação.

Comercializa própolis, cera e mel a granel assim como embalado nas marcas AALBA e Mel do Ribatejo Norte DOP.

Quais as principais características dos produtos apícolas da região?

Os produtos apícolas da região são, de certo modo, os produtos apícolas do país, sendo o mel o mais conhecido e comercializado. Anualmente produzimos monoflorais de eucalipto, alecrim, rosmaninho, urze, melada e multi-florais muito diversificados.

O nosso produto mais diferenciado é o Mel do Ribatejo Norte DOP que é produzido, conforme o caderno de especificações, nos concelhos de Ferreira do Zêzere, Ourém, Tomar, Alcanena, Torres Novas e Vila Nova da Barquinha em 4 sub-regiões ecológicas: **Serra de Aire** (Alecrim); **Albufeira do Castelo de Bode** (Urze, Eucalipto e Castanheiro); **Bairro** (Orégão); **Alto-Nabão** (eucalipto, urze).

Esta DOP tem como Entidade Gestora a nossa parceira, Associação de Apicultores da Região de Leiria, Ribatejo e Oeste (AARL) e Organismo Privado de Controlo e Certificação (OPC), a SATIVA.

Produzimos também própolis, ainda que em pequenas quantidades, principalmente nas regiões Centro e Oeste.

Com que desafios se depara atualmente a apicultura na região?

Os desafios da região são no fundo os desafios da apicultura nacional, entre alterações climáticas, com anos apícolas cada vez mais atípicos, sanidade, custos de produção elevados, nomeadamente gastos com combustíveis. É gritante a falha grave no apoio sob a forma de "gasóleo verde" ou outro similar que é dado a outras áreas da produção e a apicultura fica de fora.

No que toca à produção, tal como referido, é uma luta anual sem tréguas que os produtores enfrentam, sendo esse o primeiro passo para obter resultados. Trabalhar de forma organizada, com regras comuns e de acordo com as exigências do mercado é outra luta que vamos vencendo em cada campanha.

A valorização dos produtos tem sido mais aplicada ao produto mel – Mel do Ribatejo Norte DOP e Mel Marca AALBA – onde já investimos bastante em imagem e divulgação, representando ainda uma pequena percentagem das nossas vendas, mas em cada campanha tem vindo a conquistar mercado.

Estamos, literalmente, conforme o nosso objeto estatutário, continuamente a assegurar a programação da produção e a adaptação desta à procura, tendo como fatores específicos a qualidade, quantidade e certificação.

No que toca a desafios, enfrentar, resolver e ultrapassar tem sido o ponto forte da AALBA! Como a sua constituição, a primeira exportação, a conquista de novos clientes, o seu reconhecimento como OP (processo pelo qual já passámos 3 vezes), a gestão de pessoas e outros.

O que perspetiva para a fileira apícola nacional nos próximos anos?

A nossa perspetiva, muito "albística", na área da apicultura profissionalizada, cruzando dados e tendências do nosso sector é bastante otimista. Temos apicultores com uma média de idades inferior a 50 anos, potencial produtivo, conhecimento, tecnologia, mercado, alguns apoios/ajudas e a fileira está organizada.

Não faz parte da nossa filosofia, dar perspetivas negativas, daí estarmos sempre a citar Peter Drucker "A melhor forma de prever o futuro é criá-lo". Acreditamos sobretudo na capacidade trabalho, aceitando o facto de que é preciso estar constantemente a melhorar e inovar.

Propriedade
FNAP - Federação Nacional dos Apicultores de Portugal
Rua Mestre Lima de Freitas, nº 1
1549-012 LISBOA
Tel: 217 100 084

Coordenação Editorial
Nélia Silva | apinfo@fnap.pt

Design Gráfico
MI design | geral.miguelinacio@gmail.com

PDR2020 PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO RURAL 2014-2020 · PORTUGAL 2020 · UNIÃO EUROPEIA Fundo Europeu Agrícola de Desenvolvimento Rural · A Europa investe nas zonas rurais